6.
O Maracanã: uma cidade dentro da cidade

Simplícíssima de enunciar, ainda que não de analisar, eu a denomino, o fato da aglomeração, do cheio [...] A massa é o fato de nosso tempo, descrito sem ocultar a brutalidade de sua aparência [...] A massa esmaga todo o diferente, egrégio, individual, qualificado e seleto. Quem não seja como todo o mundo, quem não pense como todo o mundo corre o risco de ser eliminado [...]

Ortega y Gasset, *A Rebelião das Massas*,1954

Ortega y Gasset admira-se ante o fenômeno da multidão, característico de nosso tempo, do aglomerado que acentua o comportamento coletivo em detrimento do individual. A cidade está ali, no lócus do cheio, da aglomeração. É nesse espaço que Nelson mergulha para ler os mosaicos das relações sociais representadas por camisas coloridas, que estabelecem grandes redes de sociabilidades e de possibilidades.

A passagem transcrita faz-nos evocar o universo do futebol e sua extensão como representação do urbano e dos agrupamentos das torcidas nos estádios. Tais representações conduzem à supremacia do comportamento coletivo, ao mesmo tempo em que apontam para a variedade das relações sociais através do particular.

Aspecto intrigante no estádio de futebol é o espetáculo, é o encantamento proporcionado pelo torcedor, pela massa em comunhão, é o deslumbramento com o palco das arquibancadas em que peças se misturam num entrelaçamento que desafia o racional: o torcedor é todo coração.

Da mesma forma e em igual proporção, o estádio assusta pela grandiosidade, pelo êxtase coletivo; atemoriza pela diversidade de tipos que por ele passeiam, pela homogênea impessoalidade da multidão. Percebemos que ali estão depositados modos e comportamentos específicos do futebol, que contrariam o aspecto de passividade que se pode supor: o verbo “assistir”, por si só, atribui essa atitude de passividade diante do espetáculo do gramado. No entanto, o verdadeiro show está na plateia, no grito do ambulante, nos enfurecidos das arquibancadas. É nesta mesma multidão que observamos um emaranhado de práticas companheirismo, afago, disputa, diálogo, conflito, que ultrapassa o modelo de comportamento da massa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

O estádio, nessa perspectiva, transforma-se numa espécie de “laboratório” através do qual somos capazes de identificar a cidade no gesto do povo. O que alicerça nosso ponto de vista é o fato de que, em suas crônicas de futebol, Nelson mostra fatos ocorridos antes, durante e após o jogo, desenhando um outro ator coletivo não menos importante do ponto de vista do desenvolvimento do lúdico. Essa rede de práticas e atitudes que vão além das quatro linhas do campo integram o conjunto de qualidades e defeitos próprios do brasileiro.

O Maracanã, referência mundial, constitui o espaço das relações inéditas e, por isso mesmo, é transformado num epifenômeno de outros fenômenos sociais nele observáveis. Nestes deslocamentos, jogador, seleção, juízes, torcida e outros tantos elementos do universo futebolístico, a crônica de futebol rodrigueana inscreve-se como mais uma interpretação da cidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

6.1
Primeiro tempo!!!

A paixão do brasileiro pelo futebol começa com a chegada dos ingleses que trazem na bagagem não só a experiência da cidade moderna, mas o *football*, a bola. Esse artefato, pequeno e insignificante, provoca, mais que o desejo pela novidade importada, uma revolução cultural.

Embora suas regras tenham origem na Inglaterra no final do século XIX, é no território brasileiro que este esporte ganha o status de paixão nacional, é no Brasil que ganha intensidade popular e se torna instrumento de integração, mobilizando multidões cada vez maiores. Nos estádios, pessoas de diferentes classes socioeconômicas tornam-se iguais; estranhos conversam em uma simbiose perfeita de afeto e respeito. É comum vermos desconhecidos ou oponentes políticos, religiosos, travando conversas informais e trocando abraços fraternos em virtude de torcerem pelo mesmo time de futebol (HELAL, 1997, p. 133). No entanto, nem sempre tivemos o futebol com essa marca de popularidade. Ao voltar ao Brasil, Charles Miller, filho de britânicos, trouxe, além da bola e do livro de regras do esporte britânico, a tradição dos aristocratas, por isso, inicialmente, apenas descendentes de ingleses e universitários tiveram acesso a ele.

Os jogos representavam um evento social elegante, elegância tanto dos jogadores quanto da torcida – composta por amigos e familiares – que se comportava com o primor de lordes e damas: sem gritos, berros ou palavrões. Até as comemorações, em clubes ou residências de famosos, aconteciam sem os arroubos populares.

Outro fato que reforça o caráter burguês desse esporte, e característica marcante, é a linguagem usada para se referir aos elementos do futebol tais como: corner kick, striker, goalkeeper, offside. Santos relata que "Até 1930, se um jogador se machucasse, o ofensor só podia pedir desculpas sinceras em inglês: I'm sorry" (1981, p. 93). Assim foi durante as duas primeiras décadas do século XX.

Discriminação, racismo, elitismo eram marcas do esporte bretão. Ninguém, nem mesmo Lima Barreto[1], poderia imaginar que, anos mais tarde, esse esporte ganharia força e cor do povo brasileiro.

Somente em 1923, o Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, ao ganhar o campeonato carioca com um time formado por negros, mulatos e operários, começa uma revolução no quadro esportivo nacional. Mesmo assim, a vitória não impediu a retaliação dos clubes da elite que expulsaram o Vasco da primeira divisão, inaugurando outra liga de cunho oficial para a qual o time lusitano só poderia ingressar se expulsasse os pobres e negros do time. Exigência não aceita. Mais um pontapé certeiro para a popularização e a humanização do futebol.

> Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás da bola, e digo mais: – a bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. E o lindo, o sublime [...] é que, atrás dela, há o homem brasileiro com o seu peito largo, lustroso, homérico.[2]

A bola é a intermediação entre jogadores e o campo e pode parecer, à primeira vista, o elemento mais importante da disputa. No entanto, a demonstração de domínio é muito maior em torno do espaço, da não abertura da meta: o gol. Ela não é desejada simplesmente para ser guardada por mais tempo; ela é a forma clara de demonstrar um domínio de um grupo sobre o outro. Em um

[1] Lima Barreto foi um dos críticos mais fervorosos do football. Seu patriotismo exagerado não podia conceber o sotaque britânico das arquibancadas e gramados, nem o elitismo desse esporte. Outro fator era a rivalidade, cada vez mais acentuada, entre paulistas e cariocas que, conforme o autor, interferia na unidade nacional. Para ele esse esporte deveria ser extinto, banido do Brasil. Chegou a fundar uma liga contra o futebol, na década de 1920, mas sem sucesso.
[2] RODRIGUES, 1993, p. 104)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

certo sentido, é a posição da bola no campo e seu deslocamento, que informa a força maior ou menor das equipes. O domínio da bola é sinônimo de controle, tanto do jogo quanto do oponente.

Podemos, portanto, ver no jogo de futebol uma estetização; ele mostra um combate, em igualdade de condições, entre dois grupos que disputam um campo. Nesta disputa os jogadores não guerreiam entre eles, o domínio se dá pela intermediação da bola. Assistir a um jogo de futebol impõe, de alguma forma, ritualizar metaforicamente uma espécie de disputa pelo espaço. Talvez, por isso, um certo temor da elite em relação à popularização desse esporte: não se podia pensar em domínio dos negros e pobres.

Mesmo com os obstáculos do primeiro momento, muitos clubes surgiram. Clubes de elite como o Fluminense, no Rio de Janeiro, e o Grêmio, em Porto Alegre, nos quais só ingleses, alemães e filhos da burguesia brasileira podiam ingressar; clubes de fábrica, como o Bangu, no Rio de Janeiro, em que os funcionários, bons jogadores de bola, eram aceitos.

Outro fator que contribui para a popularização e democratização do futebol é a facilidade de acesso à sua prática: basta uma bola (mesmo de meia, ou de lata), um terreno baldio, uma rua ou uma casa e estão prontos o "campo" e a diversão . Nada impede que se jogue: cor, raça ou religião não são problemas. Em meio a essa facilidade, as peladas difundem-se por todos os cantos, bairros e cidades com regras estabelecidas pelos amadores, tendo como base o respeito e a solidariedade. Sem árbitro, com traves de sapato ou pedra, a criatividade impera e, consequentemente, o domínio da bola é singular e surpreendente.

A destreza adquirida por esses "peladeiros" foi decisiva para a sua aceitação em instituições oficiais e de prestígio. Mesmo os clubes originalmente racistas renderam-se ao talento dos pobres e negros. Desde o caso do jogador Carlos Alberto do Fluminense, que precisava disfarçar a cor com pó-de-arroz no corpo muita coisa havia mudado. Jogadores passaram a receber pequena remuneração e os menos favorecidos começaram a ver o futebol como oportunidade de ascensão socioeconômica, como enfatiza Rosenfeld:

> Evidenciou-se que nas camadas inferiores, entre os negros, mulatos e brancos pobres, havia um grande número de jogadores de primeira classe, seja porque os ajudava um talento natural, seja porque a "sucção da subida" e o redemoinho das chances do futebol os envolviam e canalizavam, seja porque, que não eram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

> estudantes de medicina ou direito e frequentemente não tinham uma profissão, podiam lançar toda a sua paixão no jogo; em suma, porque levavam o jogo a sério e "não tinham nada a perder". Muitos homens de cor, de antemão desencorajados pela dificuldade da ascensão, tornados interiormente incapazes de enfrentar as exigências da vida, viram sua hora chegar. Daí a seriedade com que jogavam, com que punham tudo no jogo: este tornou-se, como a embriaguez do álcool e da dança, um caminho de fuga, certamente um caminho que parecia ir para cima. [...] dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. De repente o próprio jogo tornou-se para eles um trabalho [...] (1993, pp. 84 – 85).

Assim como as mudanças aconteciam nos times, as arquibancadas também apresentavam visíveis mudanças socioeconômicas. Os ingressos passaram a ser cobrados e todas as camadas sociais, além da aristocrata, puderam assistir ao espetáculo. No entanto, mesmo com acesso a todos, a geral, arquibancada cujo valor do ingresso era mais baixo e, por isso permitia a compra pela massa operária, é forte indício de que ainda se mantinha "cada um em seu lugar". Mas isso também mudou. Com a gradativa profissionalização do esporte, em que era permitida a participação de jogadores de qualquer cor, raça ou classe social, com o acesso do povo aos estádios, a elite afastou-se, caracterizando, social e politicamente, uma perda de privilégio. Bateu-se definitivamente o martelo que ecoava a popularização desse esporte.

As portas dos estádios estavam abertas. O torcedor, cada vez mais exigente, cobrava do atleta, não só o jogo, mas o espetáculo, a garra, o sangue, o suor e o amor à camisa. Não se tinha mais a passividade britânica e aristocrática dos torcedores, a presença de torcedores bem-comportados, sentados, em silêncio. No lugar, faixas, símbolos, uniformes, gritos, cantos e palavrões proferidos a árbitros e bandeirinhas enfeitavam as torcidas.

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo e a sua repercussão na vida social da cidade, também provoca posicionamentos opostos entre os homens das letras que divididos pela ambiguidade do próprio esporte – ora como amálgama cultural, ora como confusão e desorganização social – rendiam-se aos seus apelos.

> Para chegar ao soberbo resultado de transformar banha em fibra, vem aí o football.
> Mas por que o football?
> Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo? (RAMOS, 1990, p. 26)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

Ou ainda

> Não! Há de fato uma coisa séria para o carioca: o Football! Tenho assistido a meetings colossais em diversos países, mergulhei no povo de diversos países, nessas grandes festas de saúde, de força, de ar. Mas absolutamente nunca eu vi o fogo, o entusiasmo, a ebriez da multidão assim. Só pensando em antigas leituras, só recordando o Coliseu de Roma e o hipódramo de Bizâncio. (RIO, 1990, p.19 e 20)

O que nos chama particularmente atenção é o fato de que o futebol, além de paixão, é produtor de experiências individuais e, fundamentalmente, coletivas que propiciam a vivência de uma comunidade moral de brasileiros. Situando-se como veículo catalisador de cultura e brasilidade.

> Fosse como fosse, visto pelo alto ou pela base da hierarquia social, no centro ou na periferia, o futebol propiciava o embaralhamento das posições relativas, suscitava identificações desautorizadas, invadia espaços interditos e desafiava tanto o tempo do trabalho quanto o do lazer. Esse componente indisciplinado, essa pressão insurgente contra espaços e restrições discriminadoras, se incomodava alguns grupos, por outro lado atraía multidões. O adensamento físico e simbólico da sua presença e significados desencadeava por sua vez reações na direção inversa. Isso ocorria na medida em que, à popularidade arrebatadora do futebol e a sua concepção como representativo de um instinto puro e autêntico do povo, se acrescentava o atrativo dele ser visto como uma fonte genuína de identidade, oferecendo assim um refrescante refúgio para aqueles que respiravam uma atmosfera saturada de afetações cosmopolitas e maneirismos de salão. O futebol fornecia ademais uma alternativa de vitalidade e perspectivas de uma nova atitude física e mental, um sucedâneo, enfim, adequado tanto aos jovens e modernos desencantados com o colapso da velha Europa e sua cultura, quanto aos contingentes em turbilhão que a crise internacional e a metropolização precipitada privaram seja da sua cultura de raiz, seja de uma educação convencional. (SEVCENKO, 1998, pp. 61-62.)

Apesar de o futebol paixão ser atribuído ao “povo”, a leitura feita e que preponderava era a dos escritores: pela vertente do futebol, as controvérsias nascidas da própria origem, pela vitória sobre a burguesia o futebol tornava-se a salvação para a “cultura brasileira”, seja como afirmação da nossa identidade, seja como válvula de escape para os acadêmicos. Na verdade, não havia “indisciplina” ou confusão de papéis sociais exercidos por cada um, tampouco a visão do futebol visto pela “base” ou “periferia”, a não ser pela pena desses cronistas de época, que faziam parte de uma elite cultural. O que de fato o futebol parecia apontar para eles era a inserção do espaço público como lugar da democratização, desenvolvimento e patriotismo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

O futebol, segundo Fatima M. R. F. Antunes, "transformou-se em fenômeno social de grande importância, envolvendo uma complexa rede de relações sociais e de interesses, às vezes mais, às vezes menos divergentes" (ANTUNES, 1994, p.109)[3].

Desta forma, a popularização do futebol no Brasil foi acompanhada da sua institucionalização e profissionalização, o que permitia a sua prática por qualquer pessoa (homem) em qualquer recanto do país, como também a transformação em ídolos de jogadores que esperavam, "não somente uma ascensão social, mas também um reconhecimento coletivo como 'plenamente' brasileiros" (LOPES, 1994, p.66).

Nenhum outro esporte usufrui, em momento algum, de tanta popularidade no Brasil como o futebol. Qualquer cidade brasileira, independente da extensão, possui nos campos de futebol um referencial em sua paisagem. Além disso, a trajetória do futebol no Brasil produziu a necessidade da construção de grandes monumentos, os estádios, que juntamente com os campinhos espalhados pelas grandes e pequenas cidades, têm um papel fundamental do ponto de vista da identidade do grupo: são "monumentos da civilidade" brasileira. O futebol parecia, então, um bom meio de projetar um Estado-Nação moderno ou mesmo de explicar suas tentativas, até então tímidas, de sua construção no Brasil.

No entanto, a representação de "nação", como realidade construída, não é um fenômeno que "tome forma de uma vez por todas" (REIS, 1988, p.188). Não deve ser tomada aqui como o Estado nacional, embora o componha, na medida em que, por essa via, são incorporadas as formas simbólicas através das quais se constrói a identidade nacional.

> [...] Enquanto realidade construída, a nação provê a reconciliação ideológica entre dominação burocrática e solidariedade social. Tal reconciliação é constitutiva da nacionalidade mesma, já que, citando Weber, "o conceito (nação) pertence à esfera dos valores... Sem sombra de dúvida (ele) significa acima de tudo que podemos

[3] A popularização do futebol no Brasil foi acompanhada por uma desanglicização dos seus termos e das suas expressões. Houve, por exemplo, uma transformação na denominação das partidas nesta direção que é de grande importância para os nossos propósitos. Conforme Herschmann e Lerner, "enquanto (o futebol) era um 'jogo fino', a partida de futebol era chamada de meeting, um lazer portanto, que trazia consigo a ideia de reunião, de congraçamento (...), sendo, na verdade, um esporte de exclusão dos extratos mais carentes da população. Quando, finalmente o futebol passa a ser praticado (...) pelo grande público, a partida (...) passa a ser chamada de racha (que traz consigo um sentido de divisão), sugerindo um lazer violento e desordeiro, que aliás não se harmonizava com o tão almejado cotidiano 'civilizado'" (HERSCHMANN e LERNER, 1993, p.48).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

> extrair de um certo grupo de pessoas um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos"(REIS, 1988, p. 189).

Gradativamente, a identidade nacional passa a ser refletida no campo de futebol: o herói está lá, de chuteiras, homens do povo encarnando uma nova esperança e expectativas dos brasileiros humilhados, oprimidos, esquecidos. O gramado se transforma em sinônimo de igualdade e democratização; é nele, através de seus heróis, que se pode ecoar o grito "com brasileiro não há quem possa!"

> Foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e de igualdade. Não foi, então, através da escola, do jornal, da literatura ou do Parlamento e de algum partido político que o povo começou a aprender a praticar a igualdade e a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol. Esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um déspota, e o perdedor, vale repetir, não pode ser humilhado. Penso, portanto, ao contrário de muitos analistas antigos e modernos que somente veem esse esporte como um coadjuvante de uma ideologia de dominação, que foi esse vislumbre de igualdade como valor e escolha, contido no velho e bretão *football association*[4], um dos traços que contribuíram para a sua popularização, tornando-o uma mania e um acontecimento festejado e amado pelo povo. (DAMATTA, 2006, pp. 142-143).

Outro elemento que nos instiga é essa solidariedade entre grupos que nos favorece ver não só a brasilidade, mas, mais particularmente, a cidade refletida dentro do estádio e como a torcida que, através de um estilo próprio de vivenciar e torcer pelos times de futebol – observado no comportamento estético, verbal e nos modos específicos de participar do evento futebolístico – redimensiona o espetáculo.

Esse recorte da multidão torcedora nos permite perceber, para além da massa e da aglomeração, fios que sugerem outras condutas e práticas sociais em uma cidade marcada pela multiplicidade e diversidade de comportamentos, grupos e modos de vida Cidade-estádio que expressa, de maneira reiterada, os conflitos, as reivindicações, as dores e comemorações de títulos a cada partida.

Aqueles mesmos fios, que permitem visualizar múltiplas relações entre os moradores da cidade de Nelson, nos contos, folhetins e memórias, ressurgem nas

[4] Grifo do autor.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

cores dos times de futebol e torcidas e apontam outras construções sociais urbanas e, mais amplamente, de brasilidade:

> "[...] não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio – é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e a receber botinadas"[5]

Junto a essa marca de brasilidade apresenta-se um fenômeno urbano regido pela competição esportiva, porém impregnado de um sentimento lúdico, da esfera da festa e do lazer, mas também vivenciado no dia a dia, muitas vezes caracterizado por um comportamento transgressor, despertando ainda preferências políticas e acentuando diferenças. Através do futebol, vemos a cidade refletida, exposta em emoções, escolhas e grupos, que indicam, no nível social, padrões de comportamento que vão além dos limites das partidas.

O espetáculo do campo começa a caminho do estádio, está nas ruas, nos trajetos e encontros das torcidas adversárias. Esses agrupamentos e encontros a caminho do estádio também impõem alguns padrões de conduta caracterizados em gestos, expressões, fantasias e instrumentos que atribuem às torcidas fortes peculiaridades identitárias.

Caminhando pela cidade nos dias e horas que antecedem os clássicos (jogos de futebol que envolvem grandes times como: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco), notamos que algumas normas cotidianas são modificadas. Exposição de cores e bandeiras de clubes, cantos, gritos, batucadas invadem ruas, bairros, ônibus, carros, instaurando outra ordem e encenando o drama da conviviabilidade.

Nelson com sensibilidade para os significados que esse drama aponta, mostra como as disputas podem ser vistas como representações do embate entre as várias instâncias que assumem papéis diferenciados na sociedade, como, por exemplo, os cartolas, juízes, torcedores formando pequenas metáforas das relações humanas.

[5] RODRIGUES, 1993, p. 102.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

6.2
Intervalo!!!

O futebol sempre existiu para Nelson. Antes do Fluminense foi torcedor apaixonado do Andaraí, time da região da Aldeia Campista. O futebol, desde então, é para ele motivo de poesia, por essa razão, muitas vezes, desliza seus comentários do campo técnico e tático do futebol para pensar a natureza humana a partir daí; seu interesse pelo jogo e a bola diminui na medida em que descobre que o mais interessante era o homem que chutava e o que assistia.

Sua ligação com o futebol é, sem dúvida, anterior à existência de *Manchete Esportiva.* Foi jogador de "peladas" e torcia pelo Fluminense desde muito cedo. Escreve inúmeras crônicas de futebol a partir da década de 1940 até o ano de sua morte em 1980. O autor passa a cultivar esse gênero, primeiramente no Jornal dos Sports e, a partir de 1962, em O Globo. Escreve, também, regularmente, a partir de 1950, na *Manchete Esportiva*, revista semanal publicada de 1955 a 1959.[6] São essas crônicas de *Manchete Esportiva*, o momento da consolidação de Nelson como cronista esportivo. A imagem do dramaturgo passa a ter o traço do futebol, inscrevendo essa modalidade esportiva na arquitetura da cidade e da identidade nacional brasileira. Ao mesmo tempo, problematiza sua imagem de autor entre os críticos que veem na crônica de esportes, e às vezes no próprio esporte, uma função essencialmente alienante e pobre.

Nelson, junto com seu irmão Mario Filho, exerceu papel essencial na década de 1950, impulsionando a crônica esportiva no jornalismo brasileiro. Lembremos que até 1930 não há cobertura do futebol na imprensa brasileira, em decorrência da parca popularidade desse esporte diante de outras modalidades esportivas como o remo, por exemplo. O que se tem até então são comentários insignificantes sobre datas, local, participantes e o resultado em rodapé. Somente no final dos anos 1960 surgem os cadernos de futebol em jornais. Nelson e Mario, no entanto, ao conferirem aos acontecimentos futebolísticos paixão e drama, insere-os, definitivamente, em uma nova ordem de importância, que atribui ao

[6] As crônicas publicadas pela revista foram reunidas pela primeira vez em livro pela editora Agir sob o título "O berro impresso das manchetes".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

futebol novo matiz na imprensa. Assim, o evento ganha legitimidade, passa a ter relevância pública que excede o interesse privado do leitor.

Além disso, a crônica tem como base o registro circunstancial, feito por um narrador-repórter. Esse narrador faz comentários sobre fatos e acontecimentos que podem extrapolar o universo real em diálogo constante com o presente. Esse aspecto da subjetividade, do toque ficcional, permite que o cronista invente personagens e traga para a escrita registros de oralidade. A liberdade permitida por esse gênero favorece a diversidade de tons e formas que o texto pode assumir. Assim, Nelson pode, ao mesmo tempo, ser dramático, lírico, trágico e cômico, pode narrar, dialogar, comentar os acontecimentos contemporâneos:

> Cabe nesta crônica o raciocínio: – o ex-craque matou-se por causa de quarenta contos. E assim sendo todos os que, na Face da Terra, aqui ou alhures, dispõem de uma importância igual ou maior, estão implicados no episódio. Por outro lado é um erro considerar-se o suicídio como tal. Na verdade, ele representa algo mais: – é um assassinato. Examinemos uma relação, ainda que sumária, dos que influíram no seu desespero: – primeiro os que tinham quarenta contos ou mais; e, depois, todos nós e cada um de nós. Sim, amigos: – todos os que lhe negamos o aplauso, que lhe viramos as costas, que o confundimos com Maneca do Vasco, que o esquecemos, somos co-assassinos de Maneco.[7]

É através desse novo gênero que Nelson Rodrigues especula a respeito das relações do indivíduo e do coletivo, denuncia os efeitos da multidão sobre o ser humano, trata de heroísmo e medo, vida e morte.

Nelson exercita um estilo rápido e oralizado[8], em que descrições de cena, associações de imagens, figuras de linguagem e mesmo a ênfase das repetições permitem entrever uma maneira sofisticada de perceber o futebol e de escrever crônicas.

Roberto DaMatta aponta Nelson Rodrigues como primeiro a enxergar o verdadeiro papel que o futebol desempenha para a definição da ideia de “ser brasileiro”, pois seria o esporte pelo qual teríamos conseguido, no Brasil, "somar Estado nacional e sociedade"(1993, p.17), ou seja, as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues sintetizam a noção de uma “alma brasileira” representada no futebol, e podem por isso ser tomadas como palco, onde tensões estéticas, históricas e sociais se manifestam. Assim, as crônicas de Nelson em *Manchete*

[7] Ibidem: p. 90.
[8] Ao conclamar o leitor para a interlocução, Nelson deixa clara a marca da oralidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

Esportiva são ricas como território que permite delinear representações marcantes da sociedade.

Nas mãos de Nelson, o futebol, principalmente nos estádios, é um espaço dotado de uma lógica própria, que se foi formando por meio de elementos que transcendem a lógica e que atribuem significado à ação. O delírio das multidões em torno da partida, o clamor que o jogo exerce na plateia e nos jogadores, ou ainda o ódio shakespeariano lavrado entre os times e expectadores não podem ser explicados apenas por razões "psicológicas" porque, certamente, constituem marcas de cultura.

Essas marcas de cultura encerram em si elementos que representam uma ruptura de algumas formas de comportamentos consideradas racionais, constituindo-se como suspensão temporária de práticas estabelecidas pela vida moderna.

> O martírio veio depois. Eu me lembro de tudo. Começou a lavrar o ódio entre os dois times. E, súbito, o nosso bandeirinha erra numa marcação. O resto aconteceu juntinho de nós. Um latagão, não sei se do Mangueira, do Vila, veio correndo. Vi a mão aberta e, logo, a bofetada. A bofetada passaria. Pior foi o som. Se não fosse o som, não existiria ofensa, vergonha, dano moral. Uma bofetada muda não humilha ninguém. E, de repente, foi tudo silêncio. Só se ouvia a bofetada. Não me esquecerei, nunca, nunca, do olho do bandeirinha.[9]

Nesse caso, agrega-se ao jogo o caráter de dramaticidade da disputa. O espetáculo assim apresentado pode também configurar outra realidade essencial ao jogo, que implica no estilhaçamento de certas atitudes dentro do tempo e espaço do campo.

> [...] Imaginem o que não sentiu o juiz do match Brasil x Uruguai, ontem, no Maracanã. Foi caçado a tapas, a pontapés pelos orientais. Já a agressão em si mesma, a correria e o susto traduzem uma dessas experiências terrenas que marcam para sempre. Mas vejamos as agravantes do episódio: – estavam lá, com uma inapelável eficiência, o rádio, a televisão, o jornal e o cinema. Trata-se, pois, de uma humilhação impressa, irradiada, televisionada, filmada. Pode-se desejar provação mais horrenda? [...][10]

Não podemos considerar que Nelson compactue da teia de violência tecida nos jogos, ele profere críticas contundentes a esse tipo de comportamento "Mas,

[9] RODRIGUES,2002, p. 265.
[10] RODRIGUES, 2007, p.102.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

se os erros de um juiz merecerem, de suas vítimas, esse tipo de reação, acabou-se o futebol. Ou por outra – o futebol vai virar galinheiro, mafuá, gafieira."[11]

No entanto, o que mais chama nossa atenção nas crônicas de futebol rodrigueanas é o detalhe na investigação do homem brasileiro em seu espaço, é o microcosmo representado pelo estádio, em particular do Maracanã, na representação da cidade e da multidão na cultura do carioca.

6.3. Segundo Tempo!!!

O Maracanã é o lugar que revela a cidade na sua diversidade e heterogeneidade. Ali, as percepções da esfera pública baseadas por enorme contingente de torcedores devem ser entendidas por meio de diferentes representações e apropriações. O imaginário vai junto com a bola, desliza nos pés do torcedor,concentra-se na multidão que se aglomera, geme e urra a cada passe em descrição genuinamente urbana na sua forma e no seu conteúdo numa referência que atribui ao estádio categoria de microorganismo da cidade do Rio de Janeiro, com sentido que vai além do, simplesmente, espacial. Há uma espécie de reconfiguração de outras esferas sociais, há o deslocamento, para dentro do campo, dos anseios, medos e disputas do homem urbano. A cidade transborda para dentro do estádio, inundando-o de pulsação e vida.

Nos anos 1950, Nelson Rodrigues já é um fervoroso amante do futebol. Mesmo sendo Fluminense "doente" consegue perceber contrastes que o futebol conota dentro da arena. Por isso mesmo, pela capacidade de enxergar além do espetáculo, em suas crônicas, os acontecimentos futebolísticos são direcionados para a vida, para a experiência histórica como coletividade, seja representado por um time de futebol, seja pelo escrete nacional. Para Nelson Rodrigues, o futebol ainda não conseguia traduzir nos anos 1950 a desorganização "moderna" das metrópoles, tampouco a organização embevecida das gentes num espaço urbano insurgente.

O autor não se abstém de fazer críticas à falta de gana, garra e élan que antes caracterizava tanto no futebol moderno quanto a sociedade.

[11] Ibidem: p.102.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

> Quantas vezes, o craque esquecia a pelota e saía em frente, ceifando, dizimando, assassinando canelas, rins, tóraces e baços adversários? Hoje, o homem está desvirilizado e já não aceita a ferocidade dos velhos tempos. Mas raciocinemos: – em 1911, ninguém bebia um copo d'água sem paixão.[12]

Essa fixação com o passado não é, de forma alguma, saudosismo irresponsável e romântico. Note-se: se de um lado temos a pátria em chuteiras, representada pela seleção canarinho, de outro temos uma molécula da cidade, representada pelas cores do clube. Sendo assim, o retomar o passado significa recuperar imagens do passado que fortalecem a necessidade de lirismo tanto nas relações humanas cotidianas, quanto no estádio: "Amigos, eis uma verdade eterna: – o passado sempre tem razão." [13]

O espectador, portanto, não pode se privar da tristeza maior ou menor que um jogo mal jogado, ou perdido, lhe confere, mesmo que isso signifique explodir contra o próprio time, como um César apunhalado.

Da mesma forma, o cronista toma para si essas novas configurações da cidade dentro dela mesma e relata os efeitos sofridos pelo moderno no cotidiano da urbe. Arriguci, sobre a repercussão do gênero crônica sob a vertente da cidade moderna, afirma

> [...] a crônica é ela própria um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna, tal como esta se reproduz nas grandes metrópoles do capitalismo industrial e em seus espaços periféricos. À primeira vista, como parte de um veículo como o jornal, ela aparece destinada à pura contingência, mas acaba travando com esta um duelo, de que, às vezes, por mérito literário intrínseco, sai vitoriosa. Não raro ela adquire assim, entre nós, a espessura de texto literário, tornando-se, pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor, uma forma de conhecimento de meandros sutis de nossa realidade e de nossa história. Então, a uma só vez, ela parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos do leitor atual, um teor de verdade íntima, humana, histórica, impresso na massa passageira dos fatos esfarelando-se na direção do passado. (ARRIGUCI, 1985, p.53)

O estilo teatral das crônicas de futebol rodrigueanas excede a palavra dita, exposta, deflagrada; assume-se, ela mesma, como linguagem e encenação do

[12] RODRIGUES, 2007, p.12.
[13] Ibidem: p. 26.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

moderno, através da metaforização do espaço, principalmente do espaço ocupado pela multidão, pela aglomeração que confere outra rubrica ao cotidiano.

> A geração do Maracanã não imagina como a multidão é coisa recente. Olhem as fotografias do Rio antigo. O brasileiro andava só, sim o brasileiro andava desacompanhado. Quando três sujeitos se juntavam, as instituições tremiam. O público era escasso, era ralo nos velhos campos.[14]

Opostamente, o Maracanã é prelúdio da multidão, lugar público privilegiado e propício ao encontro: mais de 100 mil torcedores anônimos – a aplaudir e a vaiar – transitavam pelo estádio. Esse é o Maracanã que passeamos através das crônicas de futebol rodrigueanas, espaço que, pelo contingente de espectadores, precisou ser delimitado para se evitar a possível histeria da torcida enfurecida. Desde 1949, as arquibancadas do estádio do Maracanã se transformaram em um espaço qualificado pela presença desta ou daquela torcida em áreas predeterminadas. Por meio de sorteio e com o consentimento dos poderes oficiais, ficou decidido que as torcidas dos quatro maiores clubes cariocas ocupariam parcelas preestabelecidas no estádio (a torcida do Vasco ocupa o espaço à direita da Tribuna de Honra, ficando a do Flamengo à esquerda; a do Botafogo, à direita, exceto quando joga com a do Vasco; a do Fluminense, à esquerda, exceto quando joga contra o Flamengo). A divisão, no entanto, nem sempre (diríamos, quase nunca) evita invasões, incursões e encontros que desencadeiam rasuras nas formas aceitáveis de convívio social.

Esses comportamentos raramente provêm de iniciativas individuais. Tal como nos bairros, ruas e mesmo no gramado, essas ações são coordenadas e organizadas, e, de certa forma, há nas arquibancadas a mesma ideia de "tática e cuidado" que é vivida nas relações cotidianas e, sem dúvida, nas arquibancadas. A diferença é que, no futebol, a delimitação do espaço é feita pelas bandeiras, pelas marcações no gramado, pela divisão preestabelecida. As bandeiras desenroladas, os gritos de guerra, as músicas, os fogos e os deslocamentos de grupos seguem uma estratégia. A torcida dita o seu próprio espetáculo e reinventa conflitos. Assim, a torcida é um show à parte, é o simulacro que faz acreditar nos lugares que devemos ocupar na vida social, principalmente quando estendidos às representações do nacional.

[14] RODRIGUES, 1993, p. 248.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

> Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.[15]

Vemos fracassado não só o time, mas o moderno no Brasil. É a derrota da identidade coletiva que incomoda: fracasso do futebol, da pequena-burguesia, da classe média baixa carimbada na zona norte do Rio de Janeiro. Nesse sentido, as percepções da esfera pública por parte desse enorme contingente de torcedores, que afluem semanalmente ao estádio, devem ser apreendidas, também, como representações desse domínio.

Ainda nesse caminho, o viralatismo acompanha o brasileiro em suas atitudes coletivas e individuais, porque nunca uma partida de futebol está apenas em jogo o resultado da contenda, mas também a honra do brasileiro, a alma do torcedor ou a essência do povo.

> [...] há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: – o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais do que o revés de onze sujeitos, houve o fracasso do homem brasileiro.[16]

A redenção para a humilhação internacional só viria em 1958, com a vitória da seleção na Copa do Mundo. O povo restaura o orgulho de ser brasileiro.

> Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: – a vitória final, no campeonato do mundo operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o Rei Gustavo, da Suécia, veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo, aqui, sofreu uma alfabetização súbita.
>
> [...]
>
> Já ninguém tem vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais andam pelas calçadas, com um charme de Joana D'Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: – o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem; ele já se vê, na generosa totalidade de suas virtudes pessoais e humanas.[17]

---

[15] RODRIGUES, 1993, p. 50
[16] Ibidem,idem.
[17] RODRIGUES, 2007, pp. 408 - 409

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

No entanto esse sentimento de brasilidade está na rua, no bairro, no bar da esquina. É o lócus cotidiano que acompanha o torcedor semana após semana. Carregando as diversas percepções e experiências de seus pedaços e lugares, os torcedores dos diversos bairros da cidade, investidos da motivação maior de pertencerem a grupos diferenciados, concebem outras maneiras de apropriação.

Maracanã e futebol estão unidos por uma simbiose que ratifica o espaço público como palco da modernidade e, por isso mesmo, constituem um universo de significações próprias. Ambos são, ao mesmo tempo, formadores e demolidores de fronteiras sociais; neles o espetáculo se dá tanto pela dicotomia entre duas torcidas, quanto pela cumplicidade que aproxima os representantes de uma mesma torcida. De outra forma, as fronteiras em destaque no universo futebolístico do estádio são determinadas pela divisão das torcidas no espaço físico das arquibancadas, mas, uma vez unidos pela força da camisa, as diferenças desaparecem durante o tempo do jogo. Caracterizados por uma certa fluidez e heterogeneidade, esses agrupamentos torcedores aglutinam indivíduos de diversas regiões da cidade, animados por expectativas diversas, diferenciados por faixas etárias, situação econômica e cultural, etc. E esse novo grupo, caracterizado como formador de um outro estilo, em suas múltiplas aparências, possui uma dimensão espacial específica que não pode ser ignorada.

> Quando o Fluminense perdeu do Flamengo, por 6 x 1, a torcida tricolor não teve meias medidas: – queimou a bandeira do clube, em pleno Maracanã, numa cerimônia pública e horrenda. E, depois, não saciados, aqueles vândalos, aqueles Neros, aqueles Dráculas sapatearam em cima das cinzas! Lembro-me que o episódio provocou, na ocasião, indignações histéricas. Ninguém entendia que fizessem, com a bandeira tricolor, naquela tarde, uma Noite de São Bartolomeu. E, no entanto, o incidente oferecia aspectos que escapavam à massa ululante. Eis a verdade: – com o fogaréu improvisado, o martírio invadia o futebol, incorporava-se à tradição do Fla-Flu, dramatizava o clássico para sempre. Daqui a duzentos anos, quando se encontrarem o Flamengo e o Fluminense, todos hão de se lembrar daquela que, entre todas as bandeiras, foi queimada como uma Joana D'Arc.[18]

Jamais o Rio de Janeiro foi o mesmo depois do Maracanã. A cidade se comporta de forma diferente em dia de clássico no Maracanã. Um desses clássicos, e poderíamos dizer o mais tradicional entre eles do ponto de vista histórico, Flamengo *versus* Fluminense, consegue alterar regras rotineiras de

[18] Ibidem, p. 56

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

convivência e ocupação dos espaços urbanos. Espaços que são reorganizados, reapropriados e mesmo ressignificados em função de jogos e torcidas envolvidas. Há toda uma mudança na dinâmica da cidade para o evento. Os ônibus, trens e metrôs, que têm durante a semana a tranquilidade obtusa, não menos feérica, de transportar cidadãos com interesses variados aos lugares distintos da cidade, são invadidos por tricolores e rubro-negros, investidos e direcionados para uma ação comum, coletiva, a caminho de um jogo na busca das emoções de uma vitória ou da tragédia de uma derrota. Intervenção tempestuosa de solidariedades, preferências, desejos gerais de grupos que se identificam em massa; mas diferenciados em nações[19], formam um macrossistema categorizado através das afinidades e adesões às cores da camisa e bandeiras.

> [...] Note-se: – não se trata se trata de um fenômeno apenas do jogador. Mas do torcedor, também. Aliás, time e torcida completam-se numa integração definitiva. O adepto de qualquer outro clube recebe um gol, uma derrota, com uma tristeza maior ou menor, que não afeta as raízes do ser. O torcedor rubro-negro não. Se entra um gol adversário, ele se crispa, ele arqueja, ele vidra os olhos, ele agoniza, ele sangra [...]. Para qualquer um, a camisa vale tanto quanto uma gravata. Não para o Flamengo. Para o Flamengo, a camisa é tudo. Já tem acontecido várias vezes o seguinte: – quando o time não dá nada, a camisa é içada, desfraldada, por invisíveis mãos. Adversários, juízes, bandeirinhas tremem, então intimidados, acovardados, batidos. Há de chegar talvez o dia em que o Flamengo não precisará de jogadores, nem de técnicos, nem de nada. Bastará a camisa, aberta no arco. E diante do furor impotente do adversário, a camisa rubro-negra será uma bastilha inexpugnável.[20]

A camisa, apresentada dessa forma, atribui especificidade e identidade à nação rubro-negra, configurando, também, novos traços de sociabilidade, novas corporalidades e, principalmente, novos territórios de sentido e significação. Nessa postura, através da qual vemos realizada a aproximação de um símbolo com determinado grupo social, conseguimos identificar, também, a composição cênica da própria cidade como espaço experimentado pelos diversos sinais figurativos que representam um conceito de interação.

Com isso, os símbolos aparecem nas crônicas esportivas rodrigueanas como um elemento a mais na paisagem urbana, cuja existência, assim como o juiz, o torcedor, o time, é indissociável do carioca.

---

[19] A palavra nação é frequentemente usada pela crônica e imprensa para designar o conjunto de torcedores de um mesmo time.
[20] RODRIGUES, 2007, p. 12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

A condição de torcedor é única, sem ambiguidades, visível, transparente e encerra uma lógica determinada. O jogo de futebol possibilita um dos momentos em que a simples aglomeração de identidades e oposições – nós contra eles – adquire a forma de uma consciência de um Nós, só visto nesse evento, e que interfere na lógica das relações mais cotidianas e rotineiras na cidade.

> Nós, do Fluminense, perdemos. E, no entanto, vejam vocês: – o Tricolor não perdeu nem na técnica, na tática, nem no sangue. Poucas vezes, terei visto o Timinho tão harmônico, tão embalado, tão seguro de si e com tanta autoridade. O que nos matou, no Fla-Flu, foi um contra-ataque, bafejado de sorte.[21]

A condição de torcedor oportuniza determinadas vivências, sociabilidade e imagens que extrapolam aquelas impostas por regras seguidas cotidianamente. Contudo, é bom que deixemos claro que, o ritual do futebol não nega a ordem social. O momento do jogo, do indivíduo no estádio, dramatiza as regras sociais, as representações de segregação do espaço urbano e ainda as relações de poder da sociedade, com suas hierarquias, status, discriminações, etc.

O futebol do ponto de vista simbólico, seria uma das nossas principais "zonas livres", compondo com uma série de outros aspectos também eleitos como peculiares, um elenco através dos quais veiculamos nossas representações coletivas sobre nós mesmos.

No entanto, além da existência como fenômeno social, o campo de futebol é, assim, também um campo de debates. No caso brasileiro, como nos lembra DaMatta, o futebol é um esporte nacional não apenas porque é jogado por muita gente, muitas vezes, mas também porque é tematizado todo o tempo,[22] fazendo penetrar, muitas vezes, em nossos comentários, dimensões que transcendem em muito aquelas relativas ao jogo:

> São abundantes, então, as amostras de que os comentários sobre o futebol são sempre levados a sério no Brasil. Algumas dessas questões têm um nítido caráter moral ou filosófico e dizem respeito não somente ao estado físico dos jogadores ou às condições do campo e equipamento utilizado, mas a problemas transcendentais, como a oposição entre o destino e a vontade individual; a divisão e a luta entre a dedicação e o treinamento e a sorte. (DAMATTA. 1982: 29)

[21] Ibidem: p. 173.

[22] No caso brasileiro, conversar sobre futebol, inclusive, pode ser uma das maneiras de estabelecer relações e, ainda, encontrar temáticas comuns a interlocutores provenientes de segmentos sociais bastante distintos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

Nas arquibancadas ocorre um outro futebol no qual se desenrola um jogo de palavras, de abraços e xingamentos compartilhados, há uma padaria de Brasil que é a cultura brasileira. As representações sociais veiculadas através do futebol, até pela aparente inocuidade deste domínio social – o dos jogos, do lazer, do esporte – difundem-se e divulgam-se carregadas nos pés dos jogadores e nas avaliações que a partir daí são produzidas.

> [...] o jogador brasileiro é sempre um pobre ser em crise. Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no mundial da Suíça. Eu disse "perdemos" e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: – antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente.[23]

É clara a visão de que a figura humana, representada pela torcida, atribui novo elemento, diferente das regras e da tática implementada pelos treinadores, ao futebol: os dramas humanos. Sem esse elemento, provavelmente o futebol seria um simples jogo sem a emoção da torcida. O que dá sentido ao futebol é todo o contexto que o envolve, desde as ideologias implícitas até os significados que extrapolam o espaço restrito do campo de jogo. A lenta elaboração de um estilo brasileiro de jogar futebol e de estar nas arquibancadas pode ser compreendida como o produto sempre renovado de valorização de um determinado tipo de corporalidade que, por extensão, passa a definir virtudes e defeitos morais dos brasileiros e da própria urbe. Sob o signo do futebol, a habilidade e criatividade dos jogadores são definidores de realidade e de comportamento. Dribles, fintas, gingas, firulas, bicicletas, são parte de um repertório muito mais extenso de técnicas que configuram, ao mesmo tempo, a esperteza e a malandragem dos nossos jogadores e do povo carioca. Nelson foi muito feliz ao perceber e relatar tais relações em suas crônicas.

É nas crônicas de Nelson que se elabora, na narrativa sobre o esporte, uma nova dimensão para o motivo do encontro no jogo, conferindo-lhe plenitude como interseção das séries temporais e espaciais. É no estádio do Maracanã que a história acontece e se encontram o indivíduo, a cultura e a imagem fracassada do moderno.

[23] RODRIGUES, 2007, p. 66.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

É recorrente em Nelson Rodrigues a exposição do fracasso do "moderno" e de suas aparências, o fracasso da nação, do homem da cidade, de sua baixíssima estima. Podemos tropeçar, a todo momento, em crônicas que expõem a representação do fracasso, como esta:

> [...] Instantaneamente, vi tudo: – o meu amigo era, ali, sem saber, um símbolo pessoal e humano da torcida brasileira. Símbolo exato e definitivo.
>
> Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passavam a ser pernas-de-pau natos e hereditários. Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valore, sofremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota.
>
> [...] Em 50, houve mais do que o revés de 11 suspeitos, houve o fracasso do homem brasileiro. A propósito, eu me lembro de um amigo que vivia pelas esquinas e pelos cafés batendo no peito: – "Eu sou uma besta! Eu sou um cavalo!" Outras vezes, ia mais longe na sua autoconsagração, e bramava: – "Eu sou um quadrúpede de 28 patas!"Não lhe bastavam as quatro regulamentares, precisava acrescentar-lhe mais 24. Ora o torcedor que nega o escrete está, como meu amigo, xingando-se a si mesmo. E por isso, porque é um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem, eu o promovo a meu personagem da semana.[24]

Na crônica intitulada "*A cusparada Metafísica"* o cuspe torna-se a causa da vitória do Flamengo sobre um time pequeno, ironicamente chamado de Canto do Rio. O mais importante na crônica não é a vitória do Flamengo por meio de um cuspe, mas como o cuspe é apresentado como o motivo que proporciona tanto a vitória quanto a derrota. Mais uma vez temos em evidência o fracasso das máscaras presentes na cidade. O cuspe representa a derrota das convenções instituídas pela cidade, é o feio, o repugnante e asqueroso que a sociedade moderna pretendia abolir em suas relações. Nada mais antimoderno do que um cuspe repousando na bola.

> [...] Sim, ele poderia ser meu personagem, se eu não tivesse escolhido outro. E o patético é que, desta vez, não se trata de gente. Insisto: o meu personagem da semana não pertence à triste e miserável condição humana. É, e com escrúpulo e vergonha o confesso, uma cusparada.
>
> A vida dos homens e dos times depende, às vezes, de episódios quase imperceptíveis. Por exemplo: — o jogo Canto do Rio x Flamengo, que foi tão árduo, tão dramático para o rubro-negro. Antes da partida, havia rubro-negros olhando de esguelha, e com o coração pressago, o time da vizinha capital.
>
> [...]
>
> Começa o match e logo se percebe que o Flamengo teria de molhar a camisa. O Canto do Rio fez o jogo que rende, que interessa: — bola no chão, passe rasteiro,

[24] Ibidem: p. 380.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

> penetração, agressividade. Termina a primeira etapa com um escandaloso 1 x 0 a favor do Canto do Rio. Cá fora, vários rubro-negros se entreolhavam, em pânico. [...] Um empate significaria, do mesmo modo, a humilhação de um segundo lugar. Continua a tragédia.
>
> E, de repente, com a bola longe, nos pés de Jairo, se não me engano, há um incidente na área do Canto do Rio. Alguém chuta alguém. Malcher, de uma só cajadada, mata dois coelhos: — expulsa Floriano, que lhe pareceu culpado, e assinala pênalti contra o Canto do Rio. Amigos, eu confesso: — tive pena do Canto do Rio, porque o árbitro o punia duas vezes pela mesma falta. Achei que era justiça demais, castigo demais. Vem Moacir e desempata: — Flamengo 2 x 1. Inferiorizado no placar e com dez elementos, lá parte, outra vez, o Canto do Rio. Jogo duro, viril, disputado com gana e, eu quase diria, com ódio.
>
> Faltando quatro ou cinco minutos para acabar a batalha, ocorre contra o Flamengo o pênalti que, para muitos, foi de compensação. Devia ser empate, ou seja: — o resultado que viria pôr abaixo, da ponta, o Flamengo. Foi então que Dida teve uma lembrança maléfica e mesmo diabólica. Estava a bola na marca fatídica. Dida aproxima-se, ajoelha-se, baixa o rosto e vai fazer o que nem todos, na afobação, percebem. Para muitos, ele estaria rezando o couro. Mas eis, na verdade, o que acontecia: Dida estava cuspindo na bola. Apenas isso e nada mais.
>
> Objetará alguém que este é um detalhe anti-higiênico, antiestético, que não devia ser inserido numa crônica. Mas eu vos direi que, antes de Canto do Rio x Flamengo, já dizia aquele personagem shakespeariano que há mais coisas no céu e na terra do que supõe a nossa vã filosofia. Quem sabe se a cusparada não decidiu tudo? Só sei que lá ficou a saliva, pousada na bola. O que aconteceu depois todos sabem: — Osmar bate a penalidade de uma maneira que envergonharia uma cambaxirra. Atirava o Canto do Rio pela janela a última e desesperada chance de um empate glorioso.
>
> E ninguém desconfiou que o fator decisivo do triunfo fora, talvez, a cusparada metafísica de Dida, que ungiu a bola e a desviou, na hora H.[25]

Na análise rodrigueana nem tudo é o que parece ser. Qualquer fato, circunstância, objeto toma ares de dramaticidade. Assim, cusparada, camisa, bola, juiz, dentre outros, transcendem a simples condição material que lhes é inerente e passam a constituir narração da própria realidade. O cronista, em suas típicas construções hiperbólicas, nos mostra que, na época moderna, caracterizada pela fragmentação individualista, o caráter homogeneizante do futebol adquire um significado especial, uma vez que responde à necessidade de impressionar e, ao mesmo tempo, garantir o pertencimento a determinado grupo social. Além disso, o ritmo acelerado e impaciente da vida moderna e urbana encontra no futebol um meio de satisfação do perene desejo pelo épico das glórias, mesmo que fugaz: "Mas essa glória, que era alucinante, foi também muito rápida. E, súbito, o craque começou a perceber que a multidão já lhe negava o aplauso. Se, ao menos, fosse vaiado! Mas nem isso, nem isso![26]

[25] RODRIGUES, 1993, p. 37.
[26] RODRIGUES, 2007, p. 90.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

Cabe nesse momento o raciocínio: – o futebol e o torcedor no estádio nos ajudam a pensar na dinâmica da sociabilidade urbana em termos de estabelecimento de padrões num período de intensa transformação. Enquanto cenas da experiência urbana no plano da individualidade e da interação, esses dois exemplos de atividade citadina revelam a abrangência das observações do mundo de Nelson que, muito além da futilidade pelas quais podem ser condenadas, constituem um retrato pluridimensional do Rio de Janeiro de então. A vivência da nova ordem, retratada pelas crônicas, descortina o tecido complexo de relações nas quais se contrabalançavam o espaço criado e os corpos adaptados. Entre ambos, cenas do jogo social se justapunham, fazendo a cidade pulsar em seus mais diferentes tipos.

As crônicas sobre o esporte têm, também, a característica de se realizarem num espaço geográfico conhecido para quase todos: o país natal, o estádio de cada time, as ruas do Rio. Trata-se, portanto, de um espaço-tempo convencionado e familiar, em que podemos visualizar o que marca culturalmente o momento histórico vivido do lado de fora do estádio. É o caso do Chicabon, o nome de picolé mencionado repetidas vezes. É o caso, também, do índio de Carnaval, convenção muito brasileira, ou da citação do nome das ruas do Rio.

Nesses textos, Nelson reúne, no encontro das torcidas, os dois Zés – o intelectual Zé Lins e o "zé povinho", Nelson reúne também o saudosista e o moderno, a grã-fina e o torcedor de subúrbio, o Nero de cinema e os nautas camonianos, o tempo exato das partidas cronometradas e a extra-temporalidade do sobrenatural, o elevado (Proust, Balzac, Dickens, Shakespeare, Eça de Queirós, Bilac – "Ora, direis, o que é um escanteio"?[27]) e o baixo.

Desfilam pelas arquibancadas, também, as figuras do trapaceiro, do bobo, do grotesco ou do excêntrico, que são personagens da praça pública, agentes da relação entre o privado e o público, que reaparecem em suas crônicas de futebol. Tais personagens trazem para a literatura uma ligação com os palcos teatrais, com os espetáculos de máscaras ao ar livre, com o próprio carnaval, e sua existência assume outra conotação no interior do texto. O que aparentam ser, aquilo que dizem, sua própria existência é reflexo indireto de outra existência. Pois Nelson,

[27] Ibidem: p. 310.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA

como dissemos anteriormente, vê máscaras nos jogadores, um acontecimento, aliás, comum no futebol.

Sintetizando o que foi verificado anteriormente, podemos então dizer que nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues se firma um lugar novo para a realização da narrativa, no cotidiano da vida: o jogo de futebol. Centro da série de crônicas esportivas, o jogo/estádio aparece como ponto de interseção das séries temporal e espacial das narrativas. É nele que acontecem os encontros e onde se recobra o aspecto de inter-relação entre o público e o privado. É onde, em última análise, se revela, de forma visível e concreta, a dramatização da disputa do jogo, em diálogo com a disputa na vida, seja individual, social ou nacional.

Como já salientamos, o espaço do jogo, o estádio, é uma cidade, assumindo, na diversidade, seus times de preferência. A divisão necessária entre dois lados do campo de futebol, abrigando dois times diferentes, é observada tanto na ocupação dos espaços do estádio – dividido em arquibancadas, gerais e numeradas – quanto na cidade, no uso de equipamentos urbanos, no trânsito dos torcedores, no percurso até o estádio. Mas é no estádio a manifestação máxima dessa cidade dentro da cidade, é ali, no momento do espetáculo que o Maracanã deixa de ser apenas arquitetura e passa a ser a urbe: – eis a Maracanã inexpugnável, diria Nelson. E, continuaria, Que bela e emocionante figura! Aqui se vê a cidade mais plástica, mais elástica, mais acrobática do mundo. Nada tem de simples: – ela implica, rosna , baba e transpira ódio e amor que saltam pelas rútilas retinas. Em primeiro lugar, ri uma risada cósmica, urra o grito de guerra contido hodiernamente. Maracanã enfeita, dramatiza, dinamiza sua multidão que arqueja teatralmente, rilhando os dentes, estrebuchando. No Maracanã constatamos uma eterna verdade teatral: nós só gostamos do melodrama. Essa cidade se parece mais com todos nós e cada um de nós. É mais pessoal, mais humana, mais carne, mais alma.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710506/CA